

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS

Rafael da Silveira¹

Resumo: O presente artigo tem por objeto de estudo a análise da Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais nos aspectos da variedade dialetal do português brasileiro frente a processos de ensino e aprendizagem da língua. O recorte da temática tem por foco os principais aspectos do processo de ensino da língua portuguesa, as vogais orais do português no Brasil /e/ e /o/, pronunciadas como /i/ e /u/, as formas flexivas da concordância nominal /s/, as formas flexivas da concordância verbal /m/ e a perda da semivogal em ditongos como /ou/, /ai/ e /ei/, em processos de monotongação da vogal /u/ e /i/, respectivamente. A bibliografia básica utilizada para a realização deste artigo numa perspectiva dialógica com o leitor para a devida análise e reflexão do assunto em discussão é Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Imbernón (2011), Franco (2012) e Perrenoud (2000), a fim de proporcionar uma prática educativa que contribua para a formação do aluno.

Palavras-chave: Estereótipos linguísticos. Variação dialetal. Variação linguística.

LINGUISTIC VARIATION AND ITS IMPLICATIONS FOR THE TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE IN THE INITIAL YEARS

Abstract: The present article has the objective to analyze the “linguistic variation and its implications for the Portuguese language education during the first years” in the aspects of the dialectal variety of Brazilian Portuguese concerning the teaching and learning process. This article focuses on the key aspects of that process, for example: the Portuguese oral vowels /e/ and /o/ pronounced as /i/ and /u/, the flexible forms of nominal agreement /s/ and verbal agreement /m/, the loss of semi-vowels in diphthongs as /ou/, /ai/ and /ei/ and the monophthongization process of the vowels /u/ and /i/, respectively. The basic bibliography used to write this article in a dialogical perspective with the reader for an analysis and reflection about this subject was Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Imbernón (2011), Franco (2012) e Perrenoud (2000), in order to provide an educational practice that contributes to student’s formation.

Keywords: Language Stereotypes. Dialectal Variation. Variation Linguistic.

¹ Especialista no Ensino de Língua Portuguesa, em Psicopedagogia em EAD pela Universidade Candido Mendes (UCAM-RJ) e Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC-SC); Filiação institucional: Professor no Curso de Pedagogia do Instituto de Educação e Tecnologias – (INET).

INTRODUÇÃO

A situação-problema deste artigo científico intitulado de “Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais” é analisar o contexto de variação dialetal do português brasileiro frente aos processos de ensino e aprendizagem da língua, no sentido de realizar um recorte sobre os principais fatores que continuem para a questão da variação da língua e evidenciar questões relativas ao ensino da língua nos anos iniciais que passam despercebidas nas práticas pedagógicas.

A intenção é partir do princípio de que os eventos da língua portuguesa devem ser observadas sob a ótica da adequação as diversas situações a que o indivíduo está inserido socialmente.

A bibliografia básica que será utilizada para a produção deste artigo terá por base as referências teóricas de Marcos Bagno, em sua obra “Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística”, de 2007; Stella Maris Bortoni-Ricardo, em sua obra “Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula” de 2004; Francisco Imbernón, em sua obra “Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza”, de 2011; Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, em sua obra “Pedagogia e prática docente”, de 2012; e ainda, Philippe Perrenoud, em sua obra “Dez novas competências para ensinar”, de 2000, que servirão de base para o devido aprofundamento e reflexão do tema proposto.

Portanto, será objeto de análise neste estudo as vogais orais do português no Brasil /e/ e /o/, que geralmente são pronunciadas como /i/ e /u/ em sílabas átonas, pretônicas ou postônicas e sua representação na nasalidade das vogais como consequência das práticas orais; assim como as formas flexivas do plural da concordância nominal /s/, as formas flexivas do plural da concordância verbal /m/ e a perda da semivogal em ditongos como /ou/, /ai/ e /ei/, num processo de monotongação da vogal /u/ e /i/, respectivamente. A intenção é, senão outra, a de proporcionar aos professores dos anos iniciais da educação básica uma releitura atualizada do contexto da variação linguística brasileira, num processo de reflexão crítica sobre a ação da prática pedagógica.

Não entanto, faz-se necessário considerar, ainda que de forma resumida, a hipótese de que não existe a forma correta ou errada de escrever ou falar, mas formas

adequadas ao contexto social do indivíduo, em interações sociais que lhe permitem expressar “*eles come carne*”, o que na língua considerada padrão a expressão *eles comem carne* deveria ser a única forma correta a ser utilizada. Esta postura frente a variedade dialetal dos sujeitos sociais serve como forma de superar o preconceito linguístico existente quanto ao uso da norma *padrão* da língua, nas multirelações e nos múltiplos contextos sociais, permitindo que o educador e o educando transitem entre as formas possíveis de expressão, no sentido de que reconheçam as tendências de variação da língua, em sua riqueza cultural, que é a variedade dialetal do português brasileiro presente nas suas diferentes regiões do país.

Utilizo a palavra padrão em destaque justamente porque não há uma forma única e correta de falar ou escrever, mas formas adequadas de linguagem que podem ser usadas pelo indivíduo dependendo do contexto em que este estiver, do círculo cultural experienciado.

A (LDB 9.394/96) Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 32, determina que “[...] o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, deve desenvolver a capacidade de pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo [...]” sob a égide da cultura do letramento ao qual estamos inseridos. Neste sentido, observamos ao que determina o referente artigo que tem força de lei na educação básica brasileira, e concede à escola o dever de desenvolver no aluno o pleno domínio da leitura e da escrita, no campo do ensino da língua portuguesa.

Afinal, a escola é, por excelência, o *lócus* ou espaço, em que os educandos irão adquirir, de forma sistemática recursos comunicativos que lhes permitam as práticas sociais especializadas às convenções sociais quanto ao uso comunicativo da língua. Acredito que a formação escolar no aspecto da língua portuguesa brasileira também promova no educando a capacidade de superar os preconceitos linguísticos existentes nas multirelações sociais do mesmo.

A escola, com todos os seus atores sociais, em especial, o professor frente a sua função básica para com o ensino da língua portuguesa, o dever de se atentar a releitura crítica dos processos de ensino e aprendizagem que envolvem a complexidade da língua.

1 ASPECTOS DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR EM

LÍNGUA PORTUGUESA

Tendo em vista a qualidade educacional no ensino da língua portuguesa no Brasil é que se firma o compromisso ético do educador em promover processos de ensino e de aprendizagem que contribuam para a formação do educando, promovendo a garantia inclusiva de que todos possam acessar os saberes sociolinguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito de todos.

Segundo (BAGNO, 2007, p. 165-166), toda língua muda com o tempo, sendo que nós, os falantes é quem a mudamos mesmo sem ter a consciência disto porque utilizamos a linguagem tornando-a mais adequada e satisfatória as exigências do nosso processamento mental, da comunicação e dos processos de interação para determinadas situações. Neste sentido, a mudança linguística:

[...] sempre foi encarada como um problema, como uma coisa negativa, como um sinal de ruína, decadência e corrupção da língua (e da moral de seus falantes). No entanto, ela é inevitável: tudo no universo, na natureza e na sociedade passa incessantemente por processos de mudança, de obsolescência, de reinvenção, de evolução... Por que só a língua teria de ficar parada no tempo e no espaço?

Considerando que os processos de interação linguísticos mudam com o decorrer do tempo nos diversos contextos sociais em que o indivíduo está inserido, na escola o professor tem por função básica a mediação do processo de ensino e aprendizagem do português brasileiro planejando, implementando e dirigindo as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno em relação a aspectos que envolvem a diversidade linguística, assim como os seus estereótipos em situações diversas, nos diferentes tipos de texto.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1997, p. 21), deve a escola à sociedade “[...] um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural (...) e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”.

Neste sentido, o ensino da língua portuguesa deve perpassar a prática de reflexão dos saberes do cotidiano do educando, abrindo espaços para sua reelaboração e reconstrução, assim como a experimentação diversa de modelos de leitura, de escrita e oralidade, como possibilidade de atribuição a novos sentidos a formas linguísticas já utilizadas nos estereótipos característicos da nossa língua.

Segundo (FRANCO, 2012, p. 32), no meio educacional há a “[...] ausência de um espaço de reflexão e crítica, marca definitiva do espaço pedagógico, compromete as relações democráticas na escola, o que impede o exercício crítico da educabilidade”, comprometendo todo o processo educativo.

O exercício crítico e reflexivo da prática pedagógica da atividade docente frente a processos de ensino e aprendizagem em língua portuguesa significa, antes de tudo, o reconhecimento da importância desta disciplina como parte integrante da formação dos sujeitos que atuarão como atores sociais na sociedade como um instrumento democrático e de inclusão social de apropriação e aquisição dos saberes relativos à nossa língua.

Segundo (IMBERNÓN, 2011, p. 64), o pensamento educativo do professor deve ser produto da sua *práxis*, ou seja, da relação do ensino e da aprendizagem em que não apenas se ensina, mas também se aprende. Portanto, em sua formação:

Os futuros professores e professoras também devem estar preparados para atender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto.

Uma pedagogia sensível à cultura do educando, a todos os seus saberes do cotidiano deve privilegiar os aspectos da variação sociolinguística, passando pela possibilidade de identificação e conscientização da diferença envolvendo as regras da língua ditas como padrão. As possibilidades colocadas para o aprendizado da língua portuguesa se revelam pela importância do domínio da língua em plena participação social, de comunicação, do acesso à informação em sua multiplicidade de contextos sociais, pela possibilidade de expressão, argumentação e da criação de visões de mundo na interação do Eu com o Outro.

Identificar as diferenças no uso da língua cotidiana nos diversos contextos dos sujeitos sociais, comparando-as com a norma padrão e desenvolver um processo contínuo de conscientização da variação linguística brasileira do português nos primeiros anos do ensino fundamental, como nos diz (PERRENOUD, 2000, p. 26), é reconhecer que em determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados devem ter como base de competência básica “quando se pretende instruir alguém”, assim como “[...] de um lado, em relacionar os conteúdos a objetivos e, de outro, a situações de aprendizagem”. Segundo ele, os alunos sabem muitas coisas e talvez, por isso, o ensino se choca quase sempre com as concepções dos aprendizes. O processo de

conscientização das diferenças da variação da língua portuguesa pode se dar a partir das representações do educando, afinal, ele não é uma tábula rasa e nem uma mente vazia.

Enquanto mediadores do processo de ensino e aprendizagem, as propostas didáticas do professor em relação as práticas de leitura podem ser realizadas através dos diferentes tipos de textos característicos do português brasileiro, assim como as possibilidades colocadas para as práticas de oralidade e escrita, no intuito de favorecer as aprendizagens significativas do aluno para que possam exercer a sua cidadania nos espaços sociais em que transitarem.

2 FATORES ESTIMULANTES DO PROCESSO DE VARIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA BRASILEIRA

Grande parte dos recursos comunicativos são adquiridos espontaneamente no convívio social. A língua é um fenômeno social regido por normas culturais, um falante nativo de sete ou oito anos, geralmente já internalizou as regras do sistema de sua linguagem usual, seu domínio se dará em contextos de interação social devendo considerar a adequação à situação da fala.

Segundo (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 26), há contextos em que os atores sociais se usam de estilos monitorados, ou seja, utilizam uma linguagem mais cuidadosa às situações ao qual estão vivenciando, cita como exemplo, as interações que ocorrem dentro da escola, onde “[...] Há também as diferenças relacionadas aos eventos que têm lugar na escola: eventos de sala de aula são mais formais que eventos que ocorrem na cantina ou no recreio”.

Existem os eventos sociolinguísticos que exigem estilos mais monitorados, onde os atores sociais precisam previamente de mais atenção para expressar-se e também existem os eventos que não exigem monitoramentos, onde as interações sociolinguísticas são mais espontâneas. A norma padrão da língua está nos eventos sociolinguísticos que exigem mais atenção do falante, em estilos mais monitorados da língua.

Os estereótipos linguísticos se manifestam de forma diversa pelas diferentes regiões do país, considerando os falares sulista – região sul, parte do sudeste e do centro-oeste; fluminense – parte da região do sudeste; mineiro – parte da região do

sudeste; baiano – parte da região nordeste e do sudeste; nordestino – grande parte da região nordeste; amazônico – grande parte da região norte; e, no território incharacterístico – parte da região do centro-oeste.

Em São Paulo e em outras grandes cidades, convivem brasileiros de todos os estados, onde geralmente se consegue distinguir melhor os falares e sotaques nordestino, gaúcho, carioca, dentre outros, justamente porque são como polos receptores desse processo migratório de pessoas de diversos locais e origens sociais.

Como nos sinaliza (Bortoni-Ricardo, 2004), nos falares nordestinos, a principal marca da variação são as vogais /e/ e /o/, que são pronunciadas de forma aberta quando está em sílaba pretônica, como exemplo, c [ó] razão, R [ó] berto, r [é] dondo, r [é] moto, pr [ó] curar, dentre outras. Também é uma marca desse sotaque o /t/ pronunciado como uma consoante linguodental diante de /i/, como em Tiago, altitude, estive, dentre outras.

Já nos falares do Centro-sul do Brasil, a marca regionalista da pronúncia do fonema /t/ diante da vogal /i/ não é linguodental e sim palatal, podendo ser representada por /tch/, como em tijolo, antigo, Tijuca, dentre outros. Assim seguem os diversos sotaques e variações linguísticas pelas regiões rurais e urbanas do imenso Brasil.

Como se pode perceber de forma nítida no trecho da música *Garota de Ipanema*, de 1962 por Vinícius de Moraes: *Moça do corpo dourado, do sol de Ipanema*, que soa como *Moça du corpu douradu, du sol di Ipanema*; e em *O seu balançado é mais que um poema*, que soa como *U seu balançadu é mais qui um poema*, fica evidente o processo de variação linguística pelo viés articulatório das vogais orais do português brasileiro /e/ e /o/ – pronunciados como /i/ e /u/, respectivamente. O viés articulatório das consoantes na passagem pela boca produzem em algum ponto um embaraço e, por isso, também estão rol da produção da variação linguística brasileira.

Segundo (BAGNO, 2007, p. 128), a variedade dialetal ou linguística é tratada de forma limitada nas culturas rurais e regionais do Brasil, principalmente, porque:

Os livros didáticos mais vendidos no Brasil são escritos e produzidos, em sua grande maioria, na região Sudeste (com predomínio do estado de São Paulo) e, em menor medida, na região Sul (com predomínio do Paraná), sempre por autores vinculados à cultura das grandes cidades. Com isso, pela própria origem social dos autores, as variedades linguísticas mais representadas nessas obras são as urbanas dessas regiões. O “diferente”, o “exótico”, o “pitoresco” será inevitavelmente o que vier de fora, o Outro, o que não fizer parte daquele universo sociocultural, que acaba sendo considerado

(enganosamente) “neutro”, “normal”, “comum”.

Há outros fatores diversos que são estimuladores da variedade linguística, e são: as múltiplas interações entre indivíduos quanto aos papéis sociais nos ambientes de socialização – família, amigos e escolas; os eventos com a língua escrita e oral – em estilos monitorados que exigem muita atenção do falante e em estilos não monitorados, nas interações espontâneas.

Também são fatores estimulantes os diferentes grupos etários, as diferenças de gênero, os *status* socioeconômicos e graus de escolaridade dos atores sociais, o mercado de trabalho cada vez mais flexível e, ainda, as multirelações que ocorrem nas mídias sociais.

3 RELAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM AS FLEXÕES NO PLURAL DE CONCORDÂNCIAS NOMINAIS E VERBAIS

Dentre outras questões que poderiam ser levantadas neste artigo intitulado de *Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais* segue o recorte de análise sobre as flexões no plural das concordâncias nominais /s/, assim com a realização das flexões no plural das concordâncias verbais /m/, mais adiante, será objeto de análise a relação da variação linguística com o processo de monotongação das semivogais em ditongos /ou/, /ai/ e /ei/.

Quanto a concordância nominal das flexões plurais do /s/ pós-vocálico, em morfemas que exigem a flexão quando concordam no plural, seu aluno tenderá a flexionar somente o primeiro elemento porque é um fenômeno que ocorre em todos os estilos de falares, que pode ser num artigo, num pronome possessivo ou mesmo num demonstrativo como em *os aluno, minhas lâmpada, teus coelho*, em que ocorre a supressão do /s/ pós-vocálico.

O professor dos anos iniciais do ensino fundamental deve ficar atento as tendências do português brasileiro, como afirma (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 88), em que “[...] há uma tendência, no português brasileiro, a não se fazer a concordância nominal, isto é, a concordância dos determinantes com o núcleo do sintagma representado por um nome ou pronome, no plural”.

Já nas supressões do /s/ pós-vocálico em concordâncias nominais ocorrem menos quando as palavras são monomorfêmicas, como se pode observar em *lápiz*,

pires, Paris, atrás, dentre outras.

Quanto a concordância verbal das flexões nas formas plurais do /m/ pós-vocálico, seu aluno tenderá a não realizar a flexão porque a sua marca é apenas a nasalização com sua conseqüente ditongação nasal, onde ocorre mais a sua supressão.

Em pesquisas sociolinguísticas do professor Anthony Naro (UFRJ) e de seus colaboradores, denominou-se uma escala de saliência onde ocorre mais a supressão do /m/ em concordâncias verbais como nas expressões *eles come* ou ainda em *eles fala*. Quando a flexão do plural ocorre em palavras como *eles fazem*, a sua incidência é menor por causa da sílaba extra formada a partir do verbo *faz*.

Assim, nossos alunos tenderão a flexionar menos as formas flexivas do plural quando tiverem que escrever frases como *eles estava*, *vocês quere*, *eles sabe* e até mesmo *eles faze*, merecendo a atenção dos professores quando estiverem planejando ou dirigindo as suas aulas de língua portuguesa para os anos iniciais. Até porque na cultura oral tais expressões passam sem ser percebidas nas interações sociais.

Em expressões como *eles foram*, *vocês fizeram* e *eles jogaram*, em formas flexivas de concordâncias verbais onde surgem uma sílaba extra, a incidência de supressão do /m/ pós-vocálico é menor. Fiquemos atentos também quanto ao processo de desnasalização do /m/ pós-vocálico, como ocorre em *eles foi/foru*, *eles fizeram/fizeru* e em *eles jogaram/jogaru*.

Segundo (Bortoni-Ricardo, 2004), há dois tipos de condicionantes no português brasileiro que estimulam a variação linguística em concordâncias verbais nas formações das frases, sendo o primeiro fator de natureza fonológica relacionada as classes dos verbos e o segundo fator de natureza sintática, dependendo da posição do sujeito em relação ao verbo.

Estejamos atentos a relação da variação linguística com as flexões no plural de concordâncias nominais e verbais. São questões que passam muitas vezes despercebidas pelo professor dos anos iniciais, na sua prática pedagógica do ensino da língua portuguesa, mas que fazem toda a diferença em todo o processo de ensino e aprendizagem na formação do aluno, principalmente para que possa fazer a diferenciação e identificação do uso da língua em seu cotidiano e do uso da língua em contextos mais formais, que exigem mais atenção do falante quanto ao uso da norma

padrão, dependendo do seu contexto.

4 RELAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DAS SEMIVOGAIS EM DITONGOS /OU/, /AI/ E /EI/

E, por fim, segue o recorte da análise deste artigo quanto a relação da variação linguística com o processo de monotongação das vogais /u/ e /i/, em pronúncias de semivogais com ditongos /ou/, /ai/ e /ei/.

Como nos diz (BAGNO, 2007, p. 168), nas interações sociais, as práticas sociolinguísticas não se dão por acaso, pois:

A língua é uma atividade social, ela é parte integrante (e constitutiva) da vida em sociedade. Por isso as mudanças que ocorrem na língua são fruto da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar maior precisão ou expressividade ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes [...] para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer.

A título de exemplo, sob uma perspectiva histórica da sociolinguística, na transição do *latim* para o português, a vogal /a/ das palavras *paucum* > *pouco* > *poco* e *aurum* > *ouro* > *oro*, transformaram-se em /o/ por um processo de assimilação e influência do segmento seguinte /u/ e pela produção da vogal /o/ na cavidade posterior da boca. É um processo conhecido como sendo de redução dos ditongos crescentes ou decrescentes ou de monotongação, uma tendência fonética histórica de apagamento da semivogal.

Neste exemplo, o processo de monotongação ocorre com a perda da vogal /u/ das palavras *pouco* e *ouro* quando pronunciadas como *poco* e *oro*, respectivamente. Seguem outros exemplos em que ocorrem a monotongação da vogal /u/ em pronúncias como *falou* > *falô*, *sou* > *sô*, *jogou* > *jogô*, *frouxo* > *froxô*; em sílabas internas, átonas ou tônicas, também há a redução do /ou/, como em *besouro* > *besoro*, *tesouro* > *tesoro*, *louco* > *loco*, *doutor* > *dotô*, *roupa* > *ropa*; nos radicais dos verbos, o processo de variação da língua tende ainda a abrir a vogal oral, como em *rouba* > *roba* > *róba*, *doura* > *dora* > *dóra*.

Quanto à monotongação da vogal /i/, em palavras com semivogais de ditongos /ai/ como em *caixa*, onde o ditongo é seguido da consoante /x/, que é palatar, seu som é produzido no contato do dorso da língua com o céu da boca ou palato, região alta

da mesma, sendo muito comum a pronúncia da palavra *caxa*, ao invés de *caixa*.

Quanto às pronúncias das palavras com semivogais nos ditongos /ei/, é menos avançado o processo de monotongação da vogal /i/, porém, “[...] requer também muita atenção em sala de aula, principalmente em palavras muito usadas como *dinheiro*, *cozinheiro*, *inteiro*, *cabelereiro*, *beijo*, *limoeiro*, etc”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 97)

Seguem mais exemplos de monotongação das vogais /i/, em expressões que aparecem o /ei/ como ditongos nas palavras: *ameixa* > *amexa*, *beira* > *bera*, *cozinheiro* > *cozinhero*, *cabelereiro* > *cabelerero*, *dinheiro* > *dinhero*, *feira* > *fera*, *inteiro* > *intero*, *limoeiro* > *limoero*, *peneira* > *penera*, *queijo* > *quejo*.

É importante observarmos que o segmento /j/, como na palavra *beijo*, é um fonema pronunciado na região alta da boca no contato com o dorso da língua, onde também é muito comum a monotongação da vogal /i/, quando se pronúncia *bejo*, ao invés de *beijo*. Assim como em *manteiga*, onde o ditongo /ei/ é seguido da oclusiva velar /g/, seu som é produzido no contato da parte posterior da boca, depois do céu da boca ou véu palatino, sendo também muito comum a pronúncia *mantega*, ao invés de *manteiga*, seja nos falares urbanos ou rurais.

Já em palavras como *jeito* e *Almeida*, respectivamente, onde /t/ e /d/ são oclusivas linguodentais e, por isso, são pronunciadas no contato da ponta da língua com os dentes superiores, ocorre menos o processo de monotongação da vogal /i/ dos referidos ditongos. Geralmente varia a pronúncia da palavra *Almeida* de acordo com a região brasileira, na Paraíba e em Pernambuco, por exemplo, ocorre a monotongação ou redução no nome próprio *Almeida* > *Almêda*.

Todos os fatores até aqui apontados são como estimuladores da variedade linguística brasileira nas múltiplas interações entre indivíduos e destes com os eventos sociolinguísticos da língua escrita e oral, a considerar que qualquer comunidade, seja pequena ou grande, possui grupos etários distintos, gêneros diversos, condições socioeconômicas diferentes, mercados de trabalho altamente flexíveis e instáveis que compartilham seus interesses e vivências nas mais diversas mídias sociais que possamos conhecer na atualidade.

Digo isto, porque o complexo que faz a língua variar e mudar ao longo do tempo e da história se revelam como riquezas de uma cultura altamente plural e diversificada, assim como é a nossa cultura, brasileira por excelência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir no artigo intitulado de *Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais*, que nossas crianças aprendem segundo a cultura dos estereótipos linguísticos presentes nas multirelações sociais e, de maneira geral, aos sete anos de idade já dominam a sociolinguística de seu meio social.

Assim, cabe à escola o dever de cumprir com o compromisso firmado pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) em seu artigo 32 quanto a formação básica do aluno no ensino fundamental e do pleno desenvolvimento nos âmbitos da leitura, da escrita e do cálculo. No que se refere ao ensino da língua portuguesa nos anos iniciais, considero importante concluir que o educador deve proporcionar ao educando uma formação, tal qual, possa identificar nos diferentes domínios sociais, os contextos em que pode expressar-se de forma mais espontânea e em contextos mais formais que vão exigir deste mais atenção para os aspectos sociolinguísticos da interação.

É pertinente considerar os diferentes estereótipos linguísticos das diferentes regiões do Brasil, que se mesclam entre o sul, o sudeste, o centro-oeste, o nordeste e o norte, no sentido de que tais falares e sotaques sociolinguísticos são como um instrumento identitário a um determinado grupo social. E aí nos perguntamos do porquê que alguns falares regionais têm mais prestígio que outros? Pode-se deduzir que tal prestígio advém do mero desempenho de algumas regiões do Brasil sobre as outras, que se destacam em áreas como na política e na economia. Com isso, o dialeto ou variedade regional falado em uma determinada região pobre pode vir a ser considerado um dialeto *ruim* e o de uma região rica e poderosa pode ser considerada como um dialeto *bom*.

Por fim, quanto aos aspectos ligados ao ensino da língua portuguesa nos anos iniciais, que podem ser utilizadas pelo professor como um ato de reflexão da sua *práxis* pedagógica, da *relação teórico e prática*, merece a nossa atenção o viés articulatório das vogais orais do português brasileiro /e/ e /o/, que geralmente são produzidas como /i/ e /u/, respectivamente; o viés articulatório das consoantes, do seu som na passagem pela boca que em algum ponto encontra um embaraço; as formas de flexão no plural da concordância nominal /s/; as formas de flexão no plural da

concordância verbal /m/; e, os processos de monotongação da vogal /u/ e /i/ das semivogais dos ditongos /ou/, /ai/ e /ei/, respectivamente.

Afinal, a escola é, por excelência, o *locus* ou espaço, em que os educandos irão adquirir, de forma sistemática os recursos comunicativos que lhes permitam as práticas sociais especializadas às convenções sociais.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. – Brasília : 1997. 144 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2017.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. [Tradução: Silvana Cobucci Leite]. – 9ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. [Tradução: Patrícia Chittoni Ramos]. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.